

PUPO, Benedito Barbosa. A carta de um velho amigo. Correio Popular, Campinas, 03 maio 1974.

A carta de um velho amigo

Correio Popular 3/5/74

Benedito BARBOSA PUPO

Nos últimos anos do primeiro quartel deste século, travei conhecimento com a família Pinheiro, que, oriunda de Ouro Fino, se radicou em Campinas, depois de um estágio em Pínhai. Minha amizade com os rapazes da família, o Gumercindo, o Gustavo, o Pérsio e o Waldemar, permitiu-me o convívio com a família toda, cujo chefe o Sr. Gustavo Pinheiro era um fazendeiro do velho estilo. Abrindo as portas de sua casa para nós (lembro-me de outro amigo da casa: Ubaldo da Costa Leite), a família proporcionava-nos condições para agradáveis tertúlias literárias no amplo e confortável porão da rua Lusitana, onde o Ubaldo, com sua voz potente e sua dicção impecável, declamava versos, encantando-nos com sua arte. Como o Pérsio e eu estudássemos aquela matéria que o Vanzolini definia como "*una chenza com la qual ô senza la qual el mondo vá tal e qual*", que não é outra senão a Filosofia, havia no nosso cenáculo acirrados debates em que procurávamos resolver os grandes problemas para cuja solução os "amigos da sabedoria" dedicaram suas vidas.

O Determinismo e o Livre Arbitrio constituíam a nossa preocupação de jovens de vinte anos, razão por que temas relacionados com esses assuntos tomavam o maior tempo dedicado às nossas discussões filosóficas. Para abastecer-nos de elementos, que nos permitissem boa argumentação, recorriamos à biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes, então sob os cuidados do sr. Fonseca, e ao Norberto de Souza Pinto, possuidor de muito boa bibliografia no campo da Filosofia. O Pérsio e eu estudávamos Filosofia, não para fazer exame, *mas para fazer cultura*, sem importarmos-nos com as implicações dela no Mundo, que, segundo o professor Vanzolini continuaria o mesmo, com ela ou sem ela.

Campinas, naquele tempo, não passava, segundo a definição de alguém de "*uma aldeia pavimentada*", cuja atração para a juventude, em suas horas de lazer, eram a missa das dez, aos domingos, na Catedral, as procissões, as vesperais cinematográficas, o "Arraial", e os "assustados" nas casas de alguma família, que, não conhecendo ainda a Televisão, tinha tempo para receber os amigos, oferecendo-lhes, nessas recepções, agradáveis momentos, em que se fazia música, se declamava, se conversava, se dançava e se saboreavam salgadinhos e doces feitos por mãos hábeis da quituteira da casa.

Frequentemente, saíamos, o Pérsio e eu, para as ruas, pelas quais deambulávamos numa peregrinação peripatética, discutindo, os altos problemas da Filosofia. Outros se reuniam a nós, com o mesmo fim. Quando nos cansávamos, aportávamos a um dos cafés — por exemplo, o Guarani, do Barreta, ou a uma das confeitarias, Casusa ou Tolle — para ouvir as traduções deturpadas do Latim, feitas pelo Israel Alves dos Santos Sobrinho que era useiro e vezeiro em pregar peças aos amigos. Lembro-me de duas: numa fui eu a

vítima e na outra foi o Francisco Otaviano. Eu servia no 2.º Grupo de Artilharia, em Jundiá, e viera a Campinas no "Dia de Corpus Cristi". Não sei como o Israel descobrira uma fotografia minha fardado, a qual afixou no placar de notícias de falecimentos, na parede do Café Farah. Quando cheguei ao Largo do Rosário, vi uma aglomeração em frente ao Café. No passeio do Largo um grupo, no qual se achava o Pérsio, ria gostosamente, não me explicando o motivo das gargalhadas. Fui então até ao Farah e lá vejo um papel tarjado, de empresa funerária, com o meu retrato, embaixo do qual a notícia de minha morte redigida humoristicamente pelo Israel. Lembro-me desta expressão: "Faleceu em campo de batalha, vítima de um combate simulado..." Para o Chico Otaviano o necrológio foi mais extenso. Entre as muitas expressões empregadas, destaco estas: "Vítima de um mal cujo nome não devemos declinar, faleceu..." e, como fecho, "Não haverá enterro, porque, segundo consta, o cadáver virou santo".

Estas evocações do tempo em que Campinas era "aldeia pavimentada" vieram-me ao ler a carta a mim dirigida pelo Pérsio Álvaro Pinheiro, residente em Casa Branca, a propósito de artigo meu, em que, abordando a telmosia de um inexpressivo grupo em pôr em circulação o termo "campinense" em lugar de "campineiro", consagrado, insurgi-me contra a alegação de que "campineiro" é perjorativo. Sua carta, por sua vez, é evocativa, pois o Pérsio relembra nela fatos ocorridos, já lá vão bem cinquenta anos... A Campinas nela retratada não existe mais, porquanto nossa cidade é hoje uma metrópole em torno da qual gravitam inúmeras cidades satélites...

Nessa missiva tão grata para mim, o Pérsio dá uma receita que já uso há tempo: *diante das piadas e gozações, o campineiro deve erguer a cabeça e continuar serenamente a sua marcha para o futuro*. De fato, "se quisermos espantar com pedradas todo o cão que ladrar em nosso caminho em busca de um objetivo, jamais chegaremos ao nosso destino". A questão é, portanto, tocar para a frente, pois enquanto "os cães ladram a caravana passa". Somente com o nosso desprezo às piadas com que nos brindam os engraçadinhos da TV e de outros setores, podemos fazer frente ao movimento de descrédito de Campinas e vencê-lo. A medida preconizada por adeptos do "campinense", de substituir por esta palavra o nosso rude, mas músculo "campineiro" é uma maneira de dar razão aos que, generalizando um fenômeno comum a todas as comunidades, querem maldosamente qualificar pejorativamente os que nasceram em Campinas ou nela vivem. Agradeço ao amigo Pérsio a sua espontânea manifestação e solidariedade a mim, assim como o "retrato escrito", que fez de Campinas de há cinquenta anos atrás. Sua carta merece ser transcrita, *in totum*. É o que faço a seguir:

"Saude a você e recomendações ao pessoal do Correio Popular

Há dias, li o Correio Popular, órgão líder dessa sempre lembrada terra das Campinas. Não me lembro a data. Impressionou-me um seu artigo em que é debatido o tema sobre a imagem de Campinas projetada em outras cidades e em pseudos programas de televisão em que artistas que não são artistas nem de 5.a categoria, arvorados em luminares da cultura e da comicidade, "fabricam" piadas sem graça e sem pudor

Confesso que fiquei um tanto triste ao verificar que os campineiros (não campineses) se preocupam com isso.

Permita-me que eu recorde uma frase de meu Pai que você conheceu muito bem. É um provérbio português que diz: "Só se atiram pedras às árvores que dão frutos" Seria essa a filosofia a ser seguida por vocês campineiros Não sei se digo *vocês* ou *nós*, pois toda minha cultura dimanou inteira do velho "Culto à Ciência" e da saudosa Campinas.

Lembra-se você de nossas tertúllas inócuas sobre tudo e sobre todos subindo e descendo a rua Barão, a velha rua que está tão mudada, tão diferente, tão ruidosa? E nossas visitas diárias ao "Centro de Ciências"? Nossas noitadas? Nossas partidas de Xadrez?

Fomos uma juventude sadia, preciosa cheia de anseios para o futuro com Mestres co M maiúsculo como Otoniel Mota, Gustavo Enge, Abílio Miller, Carlos de Paula, Perez Y Marin e outros, tantos outros formadores de um verdadeiro PANTEON de cultura? E Anibal de Freitas? E o velho filósofo Vogel.

E nossos ensaios nos jornais? Correio, Diário, a saudosa revista Ramona, versos, sonhos literatura, ilusões?

Por que mudaria essa imagem?

Porque estão atirando pedras à árvore frutífera...

Qual deveria ser a atitude dos campineiros? Simplesmente erguer a cabeça e continuar serenamente sua marcha para o futuro. Campinas, berço de Sabedoria, de Progresso, de Gentileza, está produzindo seus frutos e contribuindo para o progresso de nosso Brasil.

Por isso está sendo apedrejada. Diga isso aos campineiros através do Correio Popular

Que importa que os suínos sujos queiram borrifar lama por onde passam. Sigamos a caminhada célere com passo rápido, ao compasso lendário do Bandeirante.

Seja esta a minha contribuição, minha gratidão à terra que me propiciou o Saber.

Que os campineiros coloquem nas vitrinas nos parabrisas de seus carros, nas ruas, nas janelas, em todo canto da cidade que se espraia por todos os lados, esta frase lapidar:

"OS CAES LATEM, MAS A CARAVANA PASSA"...

Dê lembranças aos velhos amigos e guarde aí minhas recordações que serão eternas.

Abraços do amigo",